

Larosière condena a ortodoxia

REALI JÚNIOR
Correspondente

PARIS — Os defensores de soluções ortodoxas para o problema da dívida dos países em desenvolvimento sofreram duro revés no fim de semana, com a advertência feita pelo atual governador do Banco da França, Jacques de Larosière. Discursando num colóquio sobre o endividamento internacional, o ex-diretor-geral do FMI, responsável no passado pela imposição de vários programas de rigor econômico a países intermediários como Brasil, México e Argentina, afirmou que “a crise da dívida constituiu um desafio para a democracia” em razão de suas conseqüências políticas e sociais.

Diante disso, Jacques de Larosière advogou “uma verdadeira estratégia multidisciplinar do desenvolvimento e da solidariedade”, mas, apesar disso, nada indica que as resistências da área bancária privada estejam sendo superadas, bem como as de alguns governos de países industrializados. Mesmo reconhecendo certa evolução em alguns países, entre eles a França, que tem multiplicado suas iniciativas nessa área, e a nova posição de certos organismos internacionais, FMI e Banco Mundial, o pessimismo prevalece.

No colóquio organizado pela Associação Terceiro Mundo do Banco da França, o encarregado do serviço internacional do Tesouro francês e um dos responsáveis pelo Clube de Paris, Samuel de Lajeunesse, disse que, se o sistema financeiro internacional acabou se adaptando à crise, o mesmo ocorrendo com os bancos, o balanço dos países endividados se tornou ainda mais sombrio.



Associated Press-1/10/88

Larosière: “Desafio à democracia”

O economista Celso Furtado afirmou que as pressões internacionais e os erros internos cometidos no Brasil levaram “o País a pagar parte de sua dívida com a fome dos pobres”. Para o economista brasileiro, os bancos comerciais vão continuar a reivindicar a socialização de boa parte das perdas futuras, consideradas inevitáveis. A seu ver, se esse confronto entre bancos e governos persistir por mais dois anos, se assistirá a uma suspensão generalizada do reembolso por parte dos países mais endividados.

Não se trata de escolha delibe-

rada de uma política, mas sim da conseqüência da desordem geral de suas economias. Comparou a situação dos países da América Latina à de um país que tivesse perdido uma guerra e cuja população não aceitasse pagar as reparações impostas pelos vencedores.

Por sua vez, o antigo diretor-geral do Instituto de Relações Internacionais André de Latre está convencido de que a dívida dos países mais pobres acabará sendo anulada. Os tabus já caíram e o pagamento integral da dívida é um conceito inteiramente enterrado, acrescentou. Apesar disso, a nova estratégia de abandonar uma parte da dívida dos países intermediários está progredindo de forma muito trabalhosa. No colóquio de Paris se constatou que os bancos comerciais se encontram, atualmente, na defensiva, sofrendo pressões de certos governos e mesmo de organismos internacionais que compreendem haver chegado a hora de enfrentar o problema.

Muitos banqueiros continuam irredutíveis, não admitindo qualquer abertura, mantendo as intermináveis negociações para saber quem vai ganhar mais ou perder menos. Ainda recentemente, falando na Associação de Bancos da França, Michel Camdessus, diretor-geral do FMI, fez forte advertência aos banqueiros europeus, mas até agora sem resultado. Outro destaque da reunião de Paris foi o sociólogo Alain Touraine, que chamou a atenção para a vulnerabilidade do sistema político-social de toda a América Latina. Os riscos de decomposição são reais, além da possibilidade, na área política, de “um populismo de bolsos vazios substituir um populismo de bolsos cheios” em vários países do continente, observou.

*Larosière
teme as
conseqüências
políticas
e sociais*